

Dez Dias de Descoberta e Emoção Entre Havana, Santiago de Cuba e Guantânamo

Jaci C. Maraschin

Relatório de uma vista à Cuba sob os auspícios da Igreja Episcopal do Brasil dentro do programa de *Companheirismo na Missão*, da Comunhão Anglicana, com o apoio financeiro da Igreja Episcopal dos Estados Unidos da América.

I

“Para nossa amada igreja chegou a hora de decidir qual será nosso futuro e razão no serviço a esta parte do povo que Deus colocou em nossas mãos”.

Emílio Hernandez Albalate, bispo diocesano de Cuba

Recebi com gratidão, o convite do bispo Primaz, dom Arthur R. Kratz, para representar a Igreja Episcopal do Brasil no encontro de *Companheirismo na Missão* programado para os dias 11 a 19 de fevereiro, na cidade de Havana, capital de Cuba. A igreja hospedeira seria a Igreja Episcopal de Cuba, da qual eu nada sabia como em geral acontece pela Comunhão Anglicana em muitos lugares. A Igreja Episcopal dos Estados Unidos pagou as despesas de viagem. A Igreja Brasileira contribuiu com 300 dólares para despesas de hospedagem na ilha do Caribe. Os gastos extras foram repartidos entre o pessoal de Cuba e o meu próprio bolso.

A empresa de turismo, RAPTIM, de São Paulo, encarregou-se de solicitar o visto de entrada no País de Fidel Castro e me colocou numa interessante rota que incluía um dia em Lima, em trânsito, e um voo em avião da Aeroflot, companhia de aviação soviética, entre Lima e Havana, com parada em Kingston, Jamaica. A VARIG encarregou-se de emitir todos os bilhetes de viagem.

Em Lima, Peru, atravessei um dia agitado por manifestações populares contra o governo de Belaunde e muita repressão policial. No aeroporto dois policiais me submeteram a demorado interrogatório para saber as razões de minha viagem a Cuba. Mostrei-lhes os documentos da igreja e os convites para a consulta. Estavam mais intrigados porque eu viajaria pela Aeroflot. Expliquei-lhes as razões: o voo convinha com as datas e eu tinha curiosidade em andar nos aviões do “outro lado do mundo” para compará-los com os nossos Boeings. Satisfeitos, me desejaram boa viagem.

O avião da Aeroflot era espaçoso e sem luxo. Nada das sofisticções a que estamos acostumados, principalmente nos grandes vôos da VARIG. Mas, na sobriedade tipicamente russa, uma certa boa vontade e graça, expressas na maneira compreensiva com que tratam os passageiros e no ambiente, afinal, descontraído com que nos servem uma refeição frugal acompanhada de um refresco de frutas e muita água.

A chegada a Havana foi perfeita. Apenas dois passageiros desembarcaram no aeroporto José Martí. Vamos ter que falar desse José Martí mais adiante. Ambiente descontraído. Eu esperava encontrar um aeroporto cheio de agentes da polícia com suas metralhadoras empinadas como se vê em tantos lugares desta América Latina. Mas não. O pessoal me recebeu com aquele característico sorriso cubano. O agente encarregado da imigração chamou-me pelo nome e me deu o visto de permanência e dois cupons para dois dias de hotel. Convém observar que em Cuba todas as empresas, com raríssimas exceções, pertencem ao Estado. Segundo a linguagem da revolução, pertencem ao povo.

O agente que me recebeu providenciou a condução para o hotel. O preço já estava incluído no pagamento de 7 dólares exigido pelo visto. Não sei quantos quilômetros separam o aeroporto do centro de Havana. Imaginei uns 18. Passa-se pela praça da revolução com imenso monumento e espaço suficiente para grandes concentrações populares. O motorista me falava com entusiasmo das obras da revolução. No hotel quis lhe dar uma gorjeta que ele delicadamente rejeitou. "Gorjeta é coisa de país capitalista". O hotel Victória, modesto e limpo, situa-se perto do centro turístico onde a avenida beira-mar ainda elegante que nem nos velhos tempos de Batista, convivia a gente para passeios noturnos agradáveis e calmos. Aliás, sentese esse ar de calma por todos os cantos. "Você não precisa ter medo aqui em Havana. Não há assaltos. Se você precisar de alguma coisa qualquer um estará pronto para ajudar". O recepcionista do hotel falava com aquele tipo de certeza que não admite dúvida alguma. Eu achei melhor desconfiar. E na primeira noite não saí de casa. O quarto espaçoso estava com o ar condicionado ligado. Era uma suíte. No quinto andar. Abri a janela para dar uma olhada curiosa sobre a cidade e vi lá longe o oceano. Descobri no FM ao lado da cama uma estação que só transmitia música clássica. Que descoberta! A revolução não fôra assim tão radical. Afinal, podia se ouvir Bach, Beethoven, Chopin e todos os outros.

Telefonei ao bispo Emílio e ele, com certo tom de surpresa na voz, pediu-me que fosse ao centro diocesano às 9h30min do dia seguinte. As coisas pareciam funcionar. O telefone, a água quente para o banho, o elevador, a geladeira, e, mais tarde, o restaurante. E assim, com sono e gosto de aventura passei dormindo a minha primeira noite em Cuba.

"Ser companheiros é algo ameno, alegre, mas ao mesmo tempo comprometedor".

Miguel Tamayo Zaldívar, deão da Catedral da Santíssima Trindade em Havana

No sábado, 11 de fevereiro, reunimo-nos no escritório do bispo: o deão da Catedral, o arceidiago Juan Ramon de la Paz, o próprio bispo e eu. Disseram-me que a consulta de companheirismo havia sido transferida, provavelmente para outubro, e que, se eu concordasse, estariam dispostos a realizar uma mini-consulta de companheirismo, desta vez, apenas entre Cuba e Brasil. Se eu não concordasse eu seria dispensado e poderia fazer turismo em Cuba, à vontade. Ou retornar imediatamente ao Brasil. Optei pela mini-consulta posto que meu principal interesse em viajar até lá havia sido esse encontro com a Igreja Episcopal. Naturalmente, com a Igreja Episcopal e o contexto no qual está inserida. Deram-se uma série de documentos preparatórios, elaborados por diversas pessoas dentre leigos e ministros ordenados. Falei-lhes da Igreja Episcopal do Brasil e procurei lhes oferecer uma visão genérica de nossa maneira de ser, nossas conquistas e dificuldades, e dos nossos planos. Principalmente do plano bienal. Foi aí que me mostraram o seu plano trienal. Muito sugestivo e forte. Vamos falar desse plano mais adiante.

O arceidiago Ramon de la Paz me levou para almoçar num desses botecos populares onde as pessoas que trabalham longe de casa vão descansar e comer. A gente pega uma bandeja e se serve. Comemos pratos italianos com cerveja e optamos por sobremesa de pudim com iogurte. Os cubanos não dispensam o cafezinho com arremate de suas refeições. O arceidiago pagou. Tudo não saiu mais de dois dólares por pessoa.

Caminhei um pouco pela cidade e fui para o hotel ler o material preparatório. Era denso, bem feito e cheio de perspectivas.

O jantar foi na casa do deão da Catedral. Conheci sua esposa, Marta, que me falou com entusiasmo da revolução e da colaboração que os cristãos estão oferecendo à construção da sociedade socialista. Falava uma linguagem nova para quem é episcopal do Brasil: "Nós, os cristãos revolucionários, temos muito a dar neste país".

Marta é professora secundária e participa ativamente nos programas educacionais de seu bairro. Contou-me que o pessoal do Partido Comunista a respeita e conta com ela para qualquer atividade comunitária em favor dos estudantes. Eu já havia lido algures que não havia analfabetos em Cuba. Ela me confirmou. Disse que todas as crianças são obrigadas a frequentar as escolas até o 9º ano escolar. Coisa que corresponderia ao nosso ginásio. Mas, lhe perguntei, "obrigadas como"? Se alguém se recusar a frequentar a escola é recolhido

do para uma espécie de “casa de recuperação” por três meses. Se os pais se mostrarem cúmplices são submetidos a pesadas multas. É por isso que onde quer que se esteja em Cuba aí estão as crianças uniformizadas com seu encanto juvenil e seu alarido de quem começa a descobrir a vida.

O jantar foi excelente. “Mas de onde vocês tiram tanta comida?” Eu sabia que em Cuba a alimentação é racionada e que todas as famílias se submetem ao controle de uma *libreta* indiscreta e sumamente visível. É que pela *libreta* compra-se, digamos, o básico necessário para a sobrevivência familiar, por preços irrisoriamente baixos. Pode-se comprar pela *libre*, como dizem eles, por preços já não tão cômodos. Assim, não se passa fome. Não há mendigos. Não se vê miséria. E quem consegue mais dinheiro pode se dar ao luxo de algumas extravagâncias como, por exemplo, comer sobremesas de compotas com queijo creme.

Conversamos até muito tarde. Essa conversa foi enriquecida pela presença de uma pastora batista que está por ser expulsa de sua igreja. Seu crime? Tentar envolver-se com os problemas sociais de seu país e apoiar as obras de reconstrução das comunidades cubanas. Além disso, gosta de pensar. Está por embarcar para o México para fazer estudos superiores de teologia na Comunidade Teológica Ecumênica dessa cidade. Ela dizia desafiadora: “Dizem que os cristãos são perseguidos aqui em Cuba pela revolução. Na verdade, nós, os cristãos revolucionários, somos perseguidos pelas autoridades de nossas igrejas batistas”. Isso eu pude comprovar, mais tarde, ao visitar a cidade de Guantânamo, onde um grupo de batistas revolucionários, incluindo o pastor local, foram me ouvir no bonito templo da igreja episcopal local.

III

“Creio que a igreja sempre teve e tem uma posição política; conscientemente ou não”.

*Comunicado da Junta Diretora da Igreja Cristã
Pentecostal de Cuba*

Antes da missa na Catedral da Santíssima Trindade, no bairro de Vedado, onde se situam as principais embaixadas do País, visitei as lojas existentes nos hotéis para turistas. Chamaram-me a atenção dois importantes hotéis. O Nacional, mais velho, que foi cenário de conspirações nos tempos de Batista, o sanguinário ditador, e o Habana Libre. Este último chamava-se, antes de 59, de Habana Hilton. Confiscado pela revolução passou a ser um lugar aberto ao povo onde a gente pode ver inúmeros torneios de xadrez nos saguões do andar térreo e outras atividades recreativas. É verdade que não tem mais o antigo luxo estereotipado dos hotéis dessa cadeia internacional,

mas ganhou em calor humano, solidariedade e abertura para todos.

Na Catedral a missa seguiu os moldes tradicionais anglicanos segundo o rito de 1928. A música, acompanhada pelo esplêndido órgão de tubos (me dizem que é um dos melhores de Cuba) era também a que estamos acostumados a cantar em nossas igrejas brasileiras. Um grupo coral ajudava a gente a cantar.

Pregou o arcebispo Ramon de la Paz. Falou sobre a importância do companheirismo com outras igrejas e eu fui apresentado ao povo como um sinal de companheirismo. O almoço foi na casa do deão e me deram mais estudos para leitura e aprendizado.

A Catedral está situada num dos mais importantes setores da cidade. Deve ser a melhor construção religiosa de Cuba. Ocupa uma área de quase uma quadra. Ao lado da bela igreja, cercada de jardins, está a residência episcopal, erguida nos bons tempos em que os americanos endolaravam a ilha. É quase uma fortaleza, protegida por grades de ferro e trancas imensas. Tem dois andares. Salas e salões que deveriam ter sido de luxo, abrigando recepções da alta burguesia anglicana local. Hoje é uma casa comum, despida, quase monacal. Entre essa casa e a do deão, que fica de frente para a rua dos fundos, está o centro diocesano, o salão paroquial, e inúmeras outras instalações de propriedade da igreja. A casa do deão é idêntica à do bispo. O Governo cubano não tocou nas igrejas nem em suas dependências. Apenas confiscou os colégios. Achava que a educação é da competência do Estado. Essas instalações demonstram a força econômica que deve ter sido a igreja em Cuba. Entretanto, o bispo me afirma que hoje em dia, depois que mais de 70% de episcopais cubanos e americanos abandonaram o país, preferindo viver nos Estados Unidos, a contribuição dos que ficaram é mais alta e suficiente para sustentar o trabalho regular da Igreja, do que antigamente. Na verdade, o clero é de tempo integral, e o seu sustento é provido pelo povo.

Nesse domingo o assunto predominante foi o da liberdade religiosa. Estamos acostumados a ouvir no Brasil que os pobrezinhos dos cristãos cubanos sofrem as mais cruéis perseguições. Não foi o que constatei. A Igreja abre suas portas, faz soar o sino, e celebra o culto e os sacramentos com as portas abertas. A pregação do evangelho é incessante e é compartilhada igualmente pelo clero e pelo povo. O bispo e os ministros da Igreja Episcopal de Cuba viajam constantemente para fora do país, principalmente para os Estados Unidos, a convite, naturalmente, sem quaisquer restrições por parte da revolução. Há nos Estados Unidos e no Canadá, muita gente que simpatiza com os esforços da pequena nação e com o tipo de sociedade que aí está sendo implantada. Começa a existir um certo companheirismo entre a Diocese de Flórida, norte-americana, e a Igreja Episcopal de Cuba, pelo que pude perceber. Muito sadia, pelo jeito.

Mas há restrições aos cristãos. Eles não podem ser membros

do Partido Comunista Cubano. O Partido se diz ateu. Pelo menos é sincero. Não faz como certos governos do Ocidente que se dizem cristãos e praticam toda a sorte de barbaridades e de desrespeito aos direitos humanos. Além disso, os cristãos, em geral, em Cuba, na época da revolução arvoraram-se em inimigos da revolução. Fizeram conspirações. Traíram os ideais da luta popular. Acabaram fugindo covardemente para os Estados Unidos. De que maneira o Partido poderia ter confiança em gente que nem essa? No momento, os cristãos estão divididos entre os que se consideram "cristãos revolucionários" e os que ainda se opõem à revolução. Para minha surpresa, grande parte (provavelmente a maioria) dos membros da Igreja Episcopal de Cuba aceita o desafio de Fidel Castro, de colaborar para a edificação de uma sociedade que eles consideram justa e humana. Há os muito envolvidos e os menos envolvidos, como seria natural imaginar. Foram muito poucos os reacionários que encontrei nessas minhas andanças pelo país do açúcar.

Fidel Castro em recente entrevista à revista norte-americana *Newsweek* (9 de janeiro de 84) disse que a revolução cubana é sustentada pelo povo cubano. "Mas não se trata de uma aderência cega e acrítica. Pelo contrário. Se vocês andarem pela rua poderão ouvir o povo falar, especialmente se não notar que vocês são estrangeiros. E descobrirão que o povo cubano é muito explícito quando menciona as coisas que lhe parecem erradas. Estamos conscientes de que há muito para se fazer ainda". A Igreja Episcopal de Cuba também sabe disso. Haverá os que se esquivam de participar na construção de sua própria sociedade. Mas a maioria já entendeu que o evangelho tem que ser vivido fora das paredes da igreja e que é fermento de vida nova no meio do mundo.

De noite houve uma recepção na casa de Virgínia. Não sei que idade ela tem, mas é mãe de muitos filhos casados e avó de muitos netos. É uma cubana típica. Costa de se arrumar. Vai ao cabeleireiro e se pinta à vontade. Usa roupas coloridas e parece sempre contente com a vida. Confirmou-se na Igreja Episcopal há quatro anos e não se cansa de dar testemunho da fé que abraçou. Um de seus genros é membro do Partido Comunista e conheceu a Igreja por meio de Virgínia. Conversei com ele sobre as relações entre os cristãos e o Governo e ele se mostrou muito interessado no trabalho da Igreja na América Latina. Foi uma festa e tanto. Fizeram-me tocar piano e cantar coisas brasileiras. Aproveitei para testemunhar o evangelho através da nova música popular brasileira que estamos compondo no Brasil para a liturgia. Queria cantar junto comigo. Alguns chegaram a algumas frases. Já era tarde quando nos dispersamos. A família de Virgínia é encantadora e mora a uns metros da Catedral.

As pessoas não são chamados de senhor nem de senhora. O pronome de tratamento mais usado é o "tu". E o primeiro nome, em geral, vem acompanhado do simpático designativo, "companheiro". Na Igreja mistura-se "companheiro" com "irmão", indistintamente.

“O governo revolucionário de Cuba prescreve na sua Constituição socialista, adotada com o consenso de significativa maioria de nosso povo, bem como na plataforma programática do Partido Comunista de Cuba, o exercício livre e legal da Fé Cristã, que pode ser professada por qualquer um individualmente ou no corpo de uma denominação religiosa particular, coisa que não implica em nenhuma limitação com respeito ao direito de trabalhar, de estudar, ou de tomar parte em qualquer outra atividade patrocinada ou desenvolvida pelo Estado”.

Emílio Hernandez Albalate, bispo diocesano de Cuba

Na segunda-feira pela manhã começamos a mini-consulta. Examinamos os trabalhos preparatórios e discutimos o plano trienal. Recordamos alguns dados históricos a respeito da comunidade anglicana em Cuba. O trabalho começou em 1871 por obra de um missionário norte-americano da diocese de Maryland, rev. Edward Kenney. A Igreja Episcopal foi a primeira igreja não-romana a se estabelecer na ilha numa época em que não havia tolerância religiosa e Cuba era uma colônia espanhola. Fiquei pensando na ironia do destino. Quando Cuba era governada pelos cristãos espanhóis não havia liberdade de expressão religiosa. Essa liberdade é viável, no entanto, quando Cuba está governada por aqueles que não professam a fé cristã. Em 1902 foi instaurada a República de Cuba e a pequena igreja se transformou num distrito missionário. A partir de 1904 diversos bispos ocuparam a sé de Havana: Albion W. Knight, Hiram R. Hulse, Alexander H. Blankship, Romuldo Gonzales Agueros e, desde 21 de fevereiro de 1982, Emílio J. Hernández Albalate. A pequena igreja cubana possuía, na época da revolução, 14 escolas que passaram a ser mantidas e dirigidas pelo governo segundo os novos princípios educacionais implantados no país. Com a debandada da burguesia, reduziu-se o número dos fiéis e de clérigos. Restam hoje 8 presbíteros, o bispo e um diácono. São inúmeros os leitores leigos tanto masculinos como femininos que zelosamente atendem 43 congregações espalhadas pelo território todo. Começam a surgir vocações para o ministério não remunerado e são muitas as mulheres que esperam a modificação dos cânones para serem admitidas às sagradas ordens. Desde 1967 o distrito missionário passou a ser diocese extraprovincial e autônoma.

A Igreja Episcopal de Cuba, segundo as palavras do bispo diocesano, “quer expressar a fé no contexto da tradição e da cultura” cubanas. Deseja se manter em diálogo com o governo e com a sociedade em clima de “mútua compreensão e respeito”, a fim de

obedecer a vocação cristã “como expressão de identidade e solidariedade com os esforços para alcançar o pleno desenvolvimento econômico e social que realiza o povo e o governo revolucionário de Cuba”.

Consegui captar onze linhas de ação prioritária dessas conversas animadas e cheias de esperança. São elas: 1. fortalecimento do ministério tanto de tempo integral como parcial ou livre; 2. reconstrução de templos e propriedades em geral; 3. busca de um estilo episcopal “corporativo” (significando a transformação da diocese numa grande família em oposição ao paroquialismo e ao isolacionismo); 4. renovação litúrgica, com ênfase nas características do povo cubano que são a igreja, a espontaneidade e a criatividade; 5. criação de uma hinologia cubana a partir de experiências já feitas como a da missa cubana com música crioula, composta por membros da igreja; 6. realização de acampamentos de jovens, e de famílias, com vistas à educação cristã; 7. fortalecimento do trabalho entre os jovens; 8. renovação e atualização canônica; 9. intensificação da vocação ecumênica do anglicanismo por meio de participação mais efetiva no Conselho Mundial de Igrejas e no Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI); 10. participação no projeto de companheirismo na missão, 11. aquisição de meios para implementar todo esse programa.

Seguiram-se inúmeros testemunhos. Madeleine de Paz Cot, foi eleita a melhor professora da escola onde trabalha: é membro de um comitê de Defesa da Revolução, e da Federação das Mulheres Cubanas. Madeleine participa do sindicato, dos desfiles, dos trabalhos voluntários e da construção da nova sociedade. Ela é cristã, membro da Igreja Episcopal de Cuba. Diz ela: “A igreja deve sempre marchar ao lado da justiça... ajudando na formação integral dos novos cristãos, nesta nova época em que nos tocou viver, com perspectivas mais amplas para o desenvolvimento do futuro”. Um rapaz de dezoito anos assim se expressou: “Cristo convida os discípulos a que se convertam em homens novos, renunciando totalmente os males do homem velho: o individualismo, o egoísmo, a falta de espírito crítico e de espírito auto-crítico, o endurecimento interior, que lhes impede de receber a verdade e compartilhar a vida de Deus, que é a vida de amor, de justiça, de irmandade e entrega total à humanidade”. Este jovem se chama Aurélio de la Paz Cot. Um dos sacerdotes assim descreve a Igreja em Cuba: “A Igreja Cristã em Cuba passou por uma etapa de decréscimo por causa do êxodo para o estrangeiro e pelo abandono de muitos membros; em seguida entrou numa etapa de estancamento quando ninguém fazia nada para ver o que iria acontecer; começa agora uma nova etapa de avivamento”(Héctor Conde Suárez).

Uma pergunta que pairava no ar afinal veio à tona: por que tantos episcopais, ministros e leigos abandonaram Cuba por ocasião do triunfo da revolução?

As respostas alcançadas foram estas: a. faltava na igreja um programa de educação adequada para situações de mudança; 2. não havia líderes eclesiais realmente comprometidos com o povo cubano; 3. a própria igreja muito facilitou a saída de seus membros do país. Um leigo me confidenciou que o escritório de uma das igrejas episcopais de Havana chegou mesmo a se transformar numa verdadeira agência de viagem.

A mini-consulta foi interrompida para o almoço, na casa do Bispo. Em Cuba a gente descansa alguns minutos antes de voltar ao trabalho. Aliás, convém assinalar que os meses de janeiro e fevereiro correspondem ao inverno nesta parte do planeta, muito embora as temperaturas durante o dia passem a marca dos 30 graus. Mas de noite dorme-se bem com a rápida descida dos termômetros.

De tarde recebemos a visita do professor reverendo Adolfo Ham, presidente do Conselho Ecumênico de Igrejas, sediado numa das salas do Centro Diocesano Episcopal. O professor Ham é também membro do corpo docente do Seminário Ecumênico de Matanzas (a uns 80 quilômetros de Havana) e pastor da Igreja Presbiteriana. O Conselho Ecumênico de Igrejas reúne cerca de 13 igrejas e movimentos eclesiais de Cuba num esforço de testemunho e serviço à comunidade. O pastor Adolfo Ham aproveitou a oportunidade para transmitir ao Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) a saudação do grupo que dirige e a esperança de que venham a se estabelecer relações de fraternidade entre as duas entidades ecumênicas. Também nessa tarde esteve conosco o presidente de CEHILA para Cuba, pastor Raphael Cepeda que teceu comentários elogiosos ao trabalho dessa entidade no Brasil. O professor Cepeda é também pastor da Igreja Presbiteriana. Pelo que pude perceber, a Igreja Presbiteriana de Cuba está profundamente comprometida com o processo revolucionário por que passa o país e é um grupo bastante relacionado com os grupos populares. As relações entre a Igreja Presbiteriana e a Episcopal são excelentes.

De noite continuamos a conversar sobre a maneira como o companheirismo entre o Brasil e Cuba poderia se dar. Pareceu-me que, pelo menos, três atitudes imediatas poderiam ser tomadas. O pessoal cubano concordou com isso. Poderíamos, em primeiro lugar, trocar informações. A Igreja Episcopal de Cuba publica uma revista trimestral, *Heraldo Episcopal*, impressa na Poligráfica "Alfredo Lopez", do Ministério da Cultura do governo revolucionário, e inscrita como periódico na Direção Nacional de Correios e Telégrafos e Imprensa. A igreja, pois, tem liberdade para fazer circular a sua mensagem fora dos templos por meio da imprensa escrita. Mais interessante do que isso é o fato da revista ser impressa numa oficina do governo revolucionário de Fidel Castro! Essa revista poderia ser recebida no Brasil e nós, daqui, poderíamos enviar nossas publicações para que os cristãos dos dois países possam melhor

se conhecer. É dessa troca de informações que poderá surgir a segunda atitude. Refiro-me à oração. Só podemos orar em favor do que conhecemos. Orar significa compartilhar. Estar junto com aqueles por quem oramos e amá-los. A Igreja em Cuba tem sido vítima da discriminação, isolamento, e abandono. Ela sobreviveu e quer viver na comunhão da Igreja toda. Acredito que minha visita aos irmãos e "companheiros" cubanos foi verdadeira expressão da vontade de Deus e que por esse intermédio Ele nos convoca a orar por essa Igreja e por todos os cidadãos daquele país a fim de que sejam inspirados no imenso trabalho de reconstrução da nova sociedade que tanto almejam. A terceira possibilidade seria a troca de materiais criativos elaborados em nossas igrejas. Estou trazendo comigo a gravação da Missa Cubana, cantada na Catedral de Havana acompanhada por instrumentos populares locais. Nós poderíamos enviar a eles a já adiantada composição musical brasileira para a liturgia. Eles podem nos remeter novos textos da liturgia que estão experimentando. Nós podemos lhes enviar as experiências que estamos realizando no Brasil. E assim por diante. Aventamos uma outra possibilidade de intercâmbio: o de pessoas. Que tal se convidássemos um dos nossos clérigos cubanos a passar uma temporada no Brasil para nos falar de suas experiências e entrar em contato com as nossas experiências?

A noite caiu depressa e só nos restou o descanso.

V

"Encerrado também em seu quarto... Jacinto Finalé pensava... Seria necessário recontar sua vida?... no fundo uma vida com poucas esperanças, ensimesmada e solitária, a que o triunfo da revolução havia comovido estranhamente, até as raízes mesmas do ser, como se o tema da justiça de repente lhe revelasse o tema tácito e central de todas as leituras anteriores, o tema de toda a beleza, de toda a música, de toda a poesia e de toda a arte; mas também o tema de toda a religião, o assunto fundamental de Deus, talvez o próprio Deus. E agora que começava a ver com clareza, sua pátria se tornava marxista. Deus escreve direito por linhas tortas?"

*De Peña Pobre, romance de Cintio Vitier,
escritor cristão cubano*

Na terça-feira, dia 14 de fevereiro de 1984, o reverendo arcebispo Juan Ramón de la Paz saiu comigo num ônibus matinal para a estação rodoviária. Ele fez questão de pagar o irrisório preço de cinco centavos. Levava-me para uma viagem de 18 horas na direção das cidades do Oriente (Havana estava no Ocidente), Santiago

de Cuba e Guantânamo. De passada veríamos Camaguey. E lá pelas tantas atravessaríamos a mitológica Sierra Maestra, com seus fantasmas e emoções. Lembro-me que Virgínia, a cristã revolucionária da Catedral de Havana, me havia dito que fizera esse trajeto banhada de lágrimas. Mártires por toda parte. Evocações de desencontradas imagens com guerrilheiros e gente simples do povo a lhes oferecer comida e a lhes apoiar a marcha até Havana. O ônibus saiu no horário previsto. Era um Hino, japonês, recém inaugurado. O motorista sentia-se orgulhoso de conduzir um estrangeiro pela legendária rota da vitória. No meio do calor da estrada asfaltada enfeitada de intermináveis canaviais o ar condicionado do ônibus criava a ilusão de um outro clima. Por algum tempo a paisagem plana nos dava a impressão de uma planície sem fim. Paramos por alguns instantes em Camaguey, onde fica a paróquia de San Pablo com um rol de 500 batizados. O reverendo Ramón faz tempo que trabalha aí. Sua família dedica-se com entusiasmo às atividades da paróquia e trata de fazer a ponte entre a igreja e a comunidade secular. Ele celebra a missa e prega aos domingos, às 10 horas da manhã e desenvolve, com os leigos, uma pastoral familiar que inclui círculos de estudo bíblico e oração nas casas dos membros da igreja. A igreja e a casa paroquial funcionam também como centros ecumênicos. Mostrou-me, orgulhoso, o hospital enorme onde sua filha, estudante de medicina, desenvolve a prática da profissão que escolheu. Conversei com ela, em Havana, e percebi que tinha planos bastante avançados de realizar, por meio da medicina, o ministério cristão. A esposa de Juan Ramón chama-se Nerva e tem trabalhado por algum tempo junto à CELADEC. Tomei conhecimento de alguns de seus escritos e cheguei à conclusão de que se trata de uma teóloga de valor a ser mais conhecida fora de Cuba. Infelizmente não tive o prazer de encontrá-la pessoalmente.

Em Cuba pratica-se uma teologia "do povo e para o povo". Arce Martinez, do Seminário Ecumênico de Matanzas diz o seguinte: "A teologia, como reflexão crítica da fé sobre a praxis da igreja, num meio revolucionário como o nosso, reclama uma ação renovadora eclesiológica concomitante e conseqüente. Uma teologia do povo pressupõe uma igreja enraizada nas mesmas entranhas; digo que a igreja tem, para ser igreja, que enraizar-se nas entranhas do povo". Arce acredita que a Igreja, para ser cubana, precisa antes de qualquer outra coisa, superar "o tradicional divórcio com o povo cubano". Assim, o problema fundamental da igreja em Cuba hoje, "não é resolver a suposta *inimizade* entre ela e o Estado ou Partido, coisa que de fato não existe, mas resolver a real *inimizade* que existe com o povo". Segundo ele, e muitos cristãos com quem conversei, os membros da igreja conspiraram "e atuaram contra o povo cubano ao longo de sua história". Em outras palavras, "não acompanhavam o povo em suas lutas e sofrimentos", não fizeram

suas essas lutas e sofrimentos, seus sonhos e conquistas "principalmente no que se refere a esta nova etapa de nossa história". Lamenta Arce que "a partir do triunfo revolucionário de 59, a contradição com a nova sociedade se tenha feito ainda maior, precisamente quando deveria ter sido o contrário". Elizabeth Romero Salvat, de Guantânamo, acredita que "entre as muitas liberdades que celebramos em Cuba hoje está a de se fazer teologia popular". Entende que "a teologia comprometida será a teologia da comunicação com o povo no mais amplo sentido da palavra". Essa teologia comprometida vai descobrindo os próprios caminhos. "Antes, aqui, nunca nos preocupávamos em conscientizar nossas congregações para ações sociais concretas e efetivas... mas nesta nova ordem de vida, dentro da sociedade socialista, vimos que muitas de nossas doutrinas cristãs acharam sua verdadeira expressão. Em outras palavras, materializou-se o ideal cristão que, anteriormente, no capitalismo, com sua teologia individualista e pietista, mantinha-se como letra morta ou como simples utopia irrealizável".

Por volta do meio dia o ônibus parou para o almoço. Faz-se fila para o bandeirão. A comida é farta e barata. Parece que não há racionamento de arroz nem de peixe. O leite é abundante e bom e sempre se encontra algum pudim para a sobremesa.

De repente, já de volta aos nossos lugares, o rádio do ônibus anuncia música brasileira. Era Roberto Carlos. Em espanhol. O pessoal gosta da arte brasileira, principalmente da música do Chico Buarque que é bastante popular neste país. Em Havana todo mundo seguia com interesse a série da TV Globo *Malu Mulher*, e consideravam a atriz Regina Duarte uma das melhores artistas do século. Numa noite, em Santiago de Cuba, sentei-me com a família hospedeira para assistir um desses episódios. Era sobre profissionais que, ao sair da Universidade brasileira, não encontravam emprego. Os cubanos, intrigados, me perguntavam se era verdade ou apenas ficção. "É ainda pior," — disse-lhes, meio constrangido. E lhes falei a respeito dos problemas que temos no Brasil, nestes dias, com o desemprego em massa. Eles também já tinham ouvido falar dos saques a super-mercados, da fome no nordeste, dos assaltos a mão armada nas grandes cidades como Rio e São Paulo. O sistema capitalista, certamente, não conseguia superar o mal social. Criava uma sociedade temerosa e hostil onde o "salve-se quem puder" parecia ser o lema de todos. As pessoas de vinte anos não podiam entender uma coisa dessas. Haviam sido educados e cresceram segundo os princípios da sociedade socialista onde os valores são a solidariedade, o companheirismo e a ajuda mútua.

“Se levarmos em conta que a religião cristã foi nos primeiros tempos a religião dos poderes, que foi na época do império romano a religião dos escravos, porque se baseava em preceitos profundamente humanos, não há dúvida de que o movimento revolucionário ganharia muito, o movimento comunista, o movimento marxista-leninista, ganharia muito na medida em que os dirigentes honestos da igreja católica e de outras igrejas retornassem ao espírito cristão da época dos escravos de Roma. E digo mais, não apenas ganhariam com isso o socialismo e o comunismo, mas também ganharia o cristianismo”.

Fidel Castro, discurso de 26 de julho de 1980

15 de fevereiro de 1984. Santiago de Cuba. Fomos recebidos na residência do casal Wendell Gaskin e Tomasa Soler de Gaskin quase às 2 da manhã. A pequena casa paroquial primava pela hospitalidade, pela alegria cristã e pelo amor fraterno. O reverendo Wendell interessa-se por estudos de espiritualidade monástica e sua esposa parece refletir no semblante a paz que vem do serviço realizado e do compromisso com a palavra de Cristo. Ele é membro associado da Ordem da Santa Cruz e visita os Estados Unidos, quando pode, para estar com os monges de West Park.

Depois de uma noite bem dormida e de um café da manhã com ovos, presunto, leite e frutas, além de pão, manteiga e geléia, saímos para conhecer a cidade e visitar algumas famílias da igreja. O quartel de Moncada estava ali bem perto. Guardava os sinais das balas do assalto comandado por Fidel nos primórdios da revolução. Uma espécie de santuário. Há monumentos para comemorar os mortos que entregaram as vidas pela pátria. Não me esquecerei da visita ao museu da pirataria numa forte construído pelos espanhóis no século 16, voltado para a impressionante baía de Santiago. Para Juan Ramón o cenário lhe recordava a visita que fizera ao Rio de Janeiro. Na verdade, as colinas ondulantes parece que se jogam no mar e retornam mais adiante para enfeitar de volteios o horizonte. A baía é bonita. Dos torreões da fortaleza vê-se ao longe a cidade populosa e cheia de vida. O museu da pirataria abriga armas, reminiscências dos velhos tempos, e faz severas acusações ao que considera “pirataria moderna”. Querem se referir aos constantes ataques dos Estados Unidos às costas cubanas desde o triunfo da revolução.

Um membro da igreja conduziu-nos, de carro, por inúmeros outros lugares de interesse turístico e nos contou parte da história da cidade. O carro, na verdade, pertence à paróquia local, mas o re-

verendo Gaskin não gosta de dirigir. Esse membro da igreja, cujo nome não anotei, toma conta do veículo e trata dele como se fora seu. Descobri que sua profissão era de mecânico. Gaskin é de origem britânica, via Barbados, e conserva o seu inglês em bom estado. Aliás, na medida em que mais se vai para o Oriente da ilha, maior é o número de descendentes de britânicos caribenhos, oriundos de Barbados, Jamaica, Grenada, São Thomas, São Christopher e Ilhas Virgens.

Caminhamos, mais tarde, pela cidade. Deliciei-me provando uma bebida feita de raízes muito popular na região, conhecida pelo nome de "pru". Servem-na gelada e cada copo grande custa apenas 5 centavos. Entramos em galerias de arte e nos demoramos no museu Bacardi, dedicado a diversas exposições: de artes plásticas cubanas, de arte européia, e, principalmente, da história da revolução socialista. Caminhamos pelas movimentadas ruas do centro e descansamos um pouco na Catedral católica romana, tão antiga como a cidade. As livrarias estavam cheias de gente e Juan Ramón insistiu em comprar dois interessantes livros: o romance, *De Peña Pobre*, de Cintio Vitier, que conta uma história desenvolvida ao longo da revolução, a partir da postura cristã, e o livro de poesias, *Nombrar las cosas*, do poeta cristão Eliseo Diego. Talvez quisesse me mostrar que esses livros escritos por cristãos eram livremente vendidos nas livrarias cubanas sem quaisquer restrições. Trouxe o presente comigo como sinal desse companheirismo que mal começa a despontar.

De noite nos reunimos na velha igreja local. Cantamos hinos e lemos a Bíblia. O reverendo Gaskin orou pelos povos do Brasil e de Cuba e eu falei sobre o significado de companheirismo na Comunhão Anglicana. A reunião terminou com refrescos e doces.

Muitos dos templos episcopais precisam de urgentes reparos. Com a revolução e o conseqüente bloqueio econômico dos Estados Unidos e de outros países, boa parte do material de construção tornou-se escasso. O material existente tem sido encaminhado para o programa de desenvolvimento de moradias para o povo e sua aquisição não é fácil. A Igreja Episcopal de Cuba, por essa razão, precisa da ajuda dos cristãos de outros países para enfrentar esse tipo de problema. Visitamos algumas igrejas na região que estão de pé apenas pela graça divina. É o caso da Igreja de Santa Maria, num dos bairros da cidade. A gente tem a impressão de que muitas desses paróquias passaram por difíceis períodos de provação e quase abandono e que, neste momento, despertam para um novo sentido de missão na sociedade socialista.

Aliás, o próprio povo cubano demonstrou sua vitalidade e valor ao resistir com energia e fé os bloqueios econômicos que criminosamente lhe foram impostos pela força e pela arrogância do grande vizinho do Norte. Essa resistência desabrocha agora em inú-

meras construções espalhadas pela ilha toda. No último quinquênio, por exemplo, foram construídas 83 mil residências, e se iniciou um plano de adquirir materiais de construção para novas casas e apartamentos, com o emprego de sistemas de unidades pré-fabricadas que facilitam esses programas massivos. Na verdade, os templos podem esperar até que todos os cubanos tenham condições humanas de habitação. Os templos sempre foram considerados "casa de Deus". Deus, por certo, tem seus recursos próprios para criar sua presença mesmo nos lugares onde os reparos nos parecem urgentes e necessários. Muitos cristãos acreditam que "há uma presença escondida de Cristo nesta nova vida do povo cubano". Assim, "tornar visível o Cristo escondido no homem trabalhador, no operário e no camponês, é também tarefa dos cristãos: de seu testemunho e da sua reflexão teológica".

A visita a Santiago de Cuba nos fez sentir essa presença invisível de Cristo na própria revolução cubana. O cenário da Sierra Maestra, a presença do quartel de Mocada, e o fato de ter aportado aí o iate Granma, em 1956, falam do valor dessa gente. Há um interessante cartaz na entrada da cidade que Juan Ramón não se cansava de indicar: "Santiago: ontem rebelde, hoje hospitaleira, heróica sempre". Dentro dessa hospitalidade o reverendo Gaskin e o arcebispo Juan Ramón me levaram a tomar cerveja num antigo clube da velha burguesia destronada que é hoje patrimônio de todos. Fizemos ainda uma visita a hotéis de turistas e ao cemitério local onde são incontáveis os monumentos erigidos aos que tombaram nas guerrilhas. Entre eles há sacerdotes e pastores.

Aqui também se fala muito em José Martí. É considerado o "apóstolo" de Cuba, tornando-se a partir de 1887 o principal propagandista da independência do país. Organizou o Partido Revolucionário Cubano em 1891 e foi morto em combate. Deixou inúmeros escritos e um testemunho de amor à pátria.

VII

"Agora, graças a Deus, não há ouro em Cuba"

Eliseo Diego, Nombrar las cosas

16 de fevereiro de 1984. Guantânamo.

Entre corridas de bicicletas deixamos Santiago de Cuba em direção a Guantânamo. O nome não me era estranho. A gente conhece a canção "Guantanamera" e todo mundo sabe o que fizeram os americanos nessa parte da ilha. Apossaram-se de uma faixa para continuar com uma base naval estrategicamente importante. A zona nesses confins é considerada perigosa para visitas uma vez que volta e meia repetem-se "acidentes" onde cubanos costumam

sair perdendo a vida. Guantânamo, dizem-me, foi a mais pobre das províncias cubanas e, mesmo depois dos esforços revolucionários, não conseguiu alcançar o mesmo índice de desenvolvimento das outras.

Quando se chega a essa cidade quase perdida nos limites do Oriente vê-se nos casebres do lado direito a sombra do passado. Aí a gente entende porque Fidel Castro insiste em dizer que a revolução ainda não conseguiu superar todos os problemas. Principalmente o da habitação. Pois não me pareceu haver carência de escolas nem de universidades. Há, hoje, 14 universidades que servem a milhões de jovens que complementam o processo educativo com a prática de acampamentos de trabalho nas plantações de cana ou café. Além disso, esses estudantes têm seus empregos garantidos quando alcançam a formatura. Não dá para esquecer a alegria de um pai, descendente de jamaicanos, a me mostrar o diploma do filho recém formado em veterinária já contratado como auxiliar de ensino numa das unidades universitárias. Vi-o, depois, na reunião da igreja, ativamente participante nos debates que tivemos sobre companheirismo. Nas escolas de todos os níveis pratica-se quase todas as formas conhecidas de esporte. Não é sem razão que os cubanos se têm salientado nas competições internacionais e nas grandes olimpíadas.

Visitamos o bem aparelhado hospital de Guantânamo. A direção da casa colocou à nossa disposição um "administrador" para nos guiar pelo imenso edifício e nos responder perguntas que, por acaso, quiséssemos fazer. Estavam comigo, o arcediogo Juan Ramón de la Paz e o pároco local, reverendo Jorge A. Perera. Nosso guia parecia contente em nos fazer subir pelo elevador aos diferentes andares e nos deixar ver as inúmeras especialidades que fazem desse um dos melhores hospitais da região. Tivemos uma entrevista com a médica encarregada do departamento de radiografias, ultra-som e congêneres. A novíssima máquina de ultra-som era da Toshiba e pareceu-me ser utilizada principalmente para detectar gravidezes indesejadas. Coisa que nos levou à questão da liberação do aborto em Cuba. A médica, muito jovem, por sinal, me corrigiu delicadamente. "Nós não praticamos aborto. Nós empregamos técnicas para interromper a gravidez. Esse procedimento só é legítimo até o terceiro mês. Aborto é outra coisa." Para eles, aborto é o nome que se dá à expulsão de um feto com mais de três meses de vida. Na verdade, ponderei, é melhor assim. "No Brasil faz-se uma coisa e outra. O pior, por causa da clandestinidade, é que as mulheres arriscam a vida com gente sem escrúpulo e, muitas vezes, sem higiene". A médica nos contou que era assim em Cuba antes da revolução. "Por causa do obscurantismo do governo de Batista!" Eu queria saber se todos os habitantes de Guantânamo tinham que recorrer a esse hospital em caso de enfermidade. A médica sorriu diante de minha ignorância. Havia em cada grupo de quadras uma policlínica onde os

moradores obtinham tratamento médico adequado. O hospital era para casos de internamento apenas. Entretanto, sua clínica geral estava também disponível a quem desejasse. Perguntei-lhe quanto se pagava para esses serviços. Ela sorriu complacente. "A medicina, em Cuba, é socializada. Ninguém paga nada. Não há nem mesmo sistema de previdência. Basta ser cidadão cubano para ingressar em qualquer consultório médico ou dentário, em qualquer policlínica ou hospital, sem maiores formalidades". Explicou-me que há um médico para cada 626 habitantes e um dentista para cada 2.600. Há, além disso, quase 9.000 técnicos de nível médio na área da saúde e 12.700 enfermeiros. Os gastos com a saúde pública em 1980 representavam 22 vezes mais o que se gastava antes da revolução em 59.

Os meus colegas cubanos levaram-me, depois, para visitar os novos conjuntos habitacionais, construídos dentro do plano de substituição de favelas e cortiços. Embora não possam ser classificados de bairros elegantes, são ensolarados, cercados por jardins, dotados de grandes sacadas e de suficientes instalações sanitárias. Ocupam grandes áreas arborizadas, ao lado de mercados e outros serviços básicos à vida coletiva.

Uma das mais agradáveis visitas nesta parte da ilha foi à residência da senhora Dora Salva, e seu esposo. A casa limpa, de dois andares, bem decorada, relembra certas habitações de classe média em São Paulo. De uma simpatia transbordante, Dora nos recebeu como a velhos amigos. Naturalmente, deixava transparecer muita estima e confiança no reverendo Juan Ramón, e tinha histórias maravilhosas para contar a respeito de sua participação efetiva na revolução castrista. Deveria andar aí pelos 70 e poucos anos de idade e se queixava de pequenos males característicos da ação do tempo. Era dessas pessoas que exalam ternura e que sem nenhum esforço desafiam a doutrina calvinista da depravação total do homem. Ela e o marido continuavam fiéis membros da Igreja Episcopal que lhes parecia uma agremiação religiosa devotada à construção dos mesmos ideais da revolução cubana porém sob o signo da profundidade da fé.

Cuba é uma ilha cercada de água. Nada mais óbvio. Entretanto a revolução ainda não conseguiu resolver plenamente o problema do abastecimento de água. Em muitos bairros de Havana e de muitas outras cidades a população precisou muita criatividade para conviver com o que, no Brasil, se chamaria de racionamento. Às vezes o fluxo de água é fraco e não consegue encher os tanques caseiros satisfatoriamente. Outras vezes pratica-se o revezamento: a água flui abundante num dia e estanca no outro. É por isso que em muitas residências há grandes depósitos de água nos banheiros e nas cozinhas. Mas as pessoas têm muita esperança de que num futuro breve terão água tão abundantemente como a que as cerca por todos os lados.

moradores obtinham tratamento médico adequado. O hospital era para casos de internamento apenas. Entretanto, sua clínica geral estava também disponível a quem desejasse. Perguntei-lhe quanto se pagava para esses serviços. Ela sorriu complacente. "A medicina, em Cuba, é socializada. Ninguém paga nada. Não há nem mesmo sistema de previdência. Basta ser cidadão cubano para ingressar em qualquer consultório médico ou dentário, em qualquer policlínica ou hospital, sem maiores formalidades". Explicou-me que há um médico para cada 626 habitantes e um dentista para cada 2.600. Há, além disso, quase 9.000 técnicos de nível médio na área da saúde e 12.700 enfermeiros. Os gastos com a saúde pública em 1980 representavam 22 vezes mais o que se gastava antes da revolução em 59.

Os meus colegas cubanos levaram-me, depois, para visitar os novos conjuntos habitacionais, construídos dentro do plano de substituição de favelas e cortiços. Embora não possam ser classificados de bairros elegantes, são ensolarados, cercados por jardins, dotados de grandes sacadas e de suficientes instalações sanitárias. Ocupam grandes áreas arborizadas, ao lado de mercados e outros serviços básicos à vida coletiva.

Uma das mais agradáveis visitas nesta parte da ilha foi à residência da senhora Dora Salva, e seu esposo. A casa limpa, de dois andares, bem decorada, relembra certas habitações de classe média em São Paulo. De uma simpatia transbordante, Dora nos recebeu como a velhos amigos. Naturalmente, deixava transparecer muita estima e confiança no reverendo Juan Ramón, e tinha histórias maravilhosas para contar a respeito de sua participação efetiva na revolução castrista. Deveria andar aí pelos 70 e poucos anos de idade e se queixava de pequenos males característicos da ação do tempo. Era dessas pessoas que exalam ternura e que sem nenhum esforço desafiam a doutrina calvinista da depravação total do homem. Ela e o marido continuavam fiéis membros da Igreja Episcopal que lhes parecia uma agremiação religiosa devotada à construção dos mesmos ideais da revolução cubana porém sob o signo da profundidade da fé.

Cuba é uma ilha cercada de água. Nada mais óbvio. Entretanto a revolução ainda não conseguiu resolver plenamente o problema do abastecimento de água. Em muitos bairros de Havana e de muitas outras cidades a população precisou muita criatividade para conviver com o que, no Brasil, se chamaria de racionamento. Às vezes o fluxo de água é fraco e não consegue encher os tanques caseiros satisfatoriamente. Outras vezes pratica-se o revezamento: a água flui abundante num dia e estanca no outro. É por isso que em muitas residências há grandes depósitos de água nos banheiros e nas cozinhas. Mas as pessoas têm muita esperança de que num futuro breve terão água tão abundantemente como a que as cerca por todos os lados.

Mas, quem é Jorge Perera? O arcediogo hospedou-se na casa de paroquianos e eu fiquei na reitoria. Jorge Perera é sacerdote anglicano, casado com Teresa, com quem tem dois filhos estudantes universitários. A família toda frequenta a igreja com entusiasmo e participa de serviços comunitários igualmente. Jorge estudou em Roma, Paris, e em outros centros europeus. Pensava em ser padre católico romano, inicialmente, mas ao conhecer a Igreja Anglicana de Roma, transferiu-se para ela. Cubano, retornou ao seu país e ordenou-se sacerdote. Especializou-se em letras clássicas e gosta muito de liturgia. Em recente viagem aos Estados Unidos trouxe certa quantidade de incenso e costuma perfumar o ambiente de sua Igreja de Todos os Santos com essas nuvens que simbolizam a oração, a fragrância do amor e da fé, a adoração de Deus. Sua casa é boa e espaçosa. A Igreja é bonita e grande. Precisa de certos reparos como, por exemplo, a própria casa paroquial. Mas nada nos sugere abandono, falta de cuidado ou desleixo. A sacristia da igreja está bem equipada e o culto é celebrado com todo o esplendor católico em uso na comunhão anglicana. Perera visita sua congregação regularmente de 6.000 batizados e cerca de 300 comungantes. Seu povo contribui generosamente para o sustento diocesano e demonstra muita vitalidade espiritual. Pratica-se um sadio ecumenismo com os católicos romanos, os batistas e os metodistas. O Seminário Ecumênico de Matanzas já lhe fez muitos convites para sair de Guantânamo e se tornar professor de Grego e Hebraico. Mas não lhe pareceu viável abandonar o trabalho pastoral que aí realiza e se transferir para a vida acadêmica.

Perera nos levou a percorrer parte da cidade e a visitar infindáveis casas de família. O calor era intenso e não me lembro de ter suado tanto em minha vida em apenas dois dias. O pessoal é hospitaleiro e a gente precisa tomar cuidado para não se empanturrar com tudo que nos oferecem.

Na noite do primeiro dia visitamos também a igreja católica e nos encontramos com o vigário local, jovem e dinâmico. Vi que na pequena praça da matriz uma banda começava a se instalar para o concerto que, por certo, se estenderia pela noite a dentro. Muita gente aproveitava a brisa da noite para descansar e se encontrar com os amigos.

17 de fevereiro de 1984. Guantnamo.

Queríamos visitar a região litigiosa em volta da base de Guantânamo. A polícia não nos incentivou. Desistimos. Visitamos mais gente: Tomamos mais "pru". Descansamos.

De noite o reverendo Perera celebrou a missa na antiga igreja paroquial e eu preguei. Não me perguntem em que língua. Eu achava que estava falando em espanhol. Mas algumas pessoas me disseram que o meu "português" havia sido perfeitamente compreensível. Sem comentários. No salão paroquial tivemos um encon-

tro informal em que me pergutaram muita coisa sobre o Brasil e a nossa Igreja Episcopal e eu lhes retribuí não apenas com respostas mas com novas perguntas a respeito de Cuba e da sua Igreja Episcopal. As senhoras encarregaram-se de nos servir refrescos e bolo e terminamos cantando canções dos dois países. Percebi que a igreja está viva em Guantânamo e que pratica um bom ecumenismo. Havia inúmeros batistas, como já disse antes, descontentes com a orientação reacionária que a cúpula de sua igreja lhes quer impor. Convém observar que um dos heróis da revolução socialista cubana se chama Frank Pais, filho de pastor batista e ele mesmo consagrado membro de sua igreja. Foi fuzilado pelas tropas de Batista. Mas seu nome está gravado na história da nação ao lado de gente que nem Camilo Cienfuegos e o quase divinizado "Che" Guevara. E por falar no "Che", ao passar de taxi pela praça da revolução, em Havana, o motorista me chamou a atenção para um gigantesco mural com a figura dele, e me disse: "parece Cristo, não é?" E eu lhe disse: "Talvez tenha sido o próprio Cristo". O motorista, comovido, retrucou: "É como se fosse o Cristo para nós, o Cristo latino-americano". E eu fiquei pensando sem falar: "A teologia do povo ainda é a melhor".

VIII

"Amanhã quando teus filhos te perguntarem, dizendo: Que significa ser cristão em Cuba, hoje? Então recordarás a teus filhos quem foram Felix Varela, Agustín Caballero, Joaquín de Palma, Parmenio Anaya, Juan Bautista Baéz, Alberto Díaz, Pedro Duarte, Deulofeo, Collazo, Silveira, Díaz Vólero, Frank e José Antonio. Serão os exemplos para teus filhos. Ao te deitares e ao te levantares darás graças a Deus por eles que nos legaram a pátria. Ao passares pela frente dos monumentos falarás aos teus filhos de nossos mártires e heróis, Céspedes e Martí, ontem, e de Fidel, hoje, para que sintam orgulho de ser cubanos e conheçam o sacrifício, a dor, a abnegação e a entrega que nos custou para construir esta pátria."

Nerva Cot, Credo da Identidade Nacional

18 de fevereiro de 1984. Guantânamo, depois Havana.

A semana de cultura agitava a comunidade local. Os escolares vestiam-se de guerrilheiros, de milicianos, de figuras mitológicas, de gente da dança e do teatro, enfim, de tudo o que representava a cultura cubana. Música, balões, desfiles.

Às 11 horas o táxi chegou para me levar ao aeroporto. Juan Ramón e Perera me acompanharam até ao aeroporto de Guantânamo. A senhora de Perera havia preparado, antes, um agradável al-

moço que, segundo ela, me alimentaria suficientemente até chegar a Havana. Na verdade, foi uma verdadeira festa de despedida.

O avião, de fabricação soviética, bi-motor, levou duas horas e 15 minutos até descer no aeroporto José Martí de Havana. Deu-nos uma panorâmica do lado caribenho da ilha com suas enormes plantações e beleza das praias.

Em Havana encontrei-me com o reverendo Pablo Oden Marichal Rodríguez e juntamente com o bispo Emílio e o deão Tamayo conversamos sobre o Seminário Ecumênico de Matanzas e a possível colaboração do Centro de Pós-Graduação de Rudge Ramos, São Bernardo do Campo, para o desenvolvimento da docência cubana. O reverendo Pablo Marichal é vice-diretor do Seminário e está interessado em fomentar esse intercâmbio. Entendemos que será preciso superar uma série de barreiras de ordem diplomática e burocrática. Decidimos enfrentá-las. O candidato mais viável a esse intercâmbio é o próprio deão da Catedral da Santíssima Trindade que teria interesse em passar uns três ou quatro meses no Brasil, num programa de reciclagem a ser organizado pelo curso ecumênico de mestrado em Ciências da Religião. Marichal nos informou ainda sobre a obra que o Seminário de Matanzas realiza em Cuba por meio de diversos programas que incluem educação teológica por extensão, reciclagem para o clero, bacharelado e mestrado em teologia. O Seminário de Matanzas é membro do Fundo de Emergência para a Educação Teológica Ecumênica na América Latina. Transmiti a mensagem desse Fundo, do qual faço parte, a esse seminário, por delegação da assembléia que tivemos recentemente em Costa Rica. A conversa evoluiu para temas teológicos onde a teologia da libertação na América Latina ocupou lugar de relevo. O vice-diretor de Matanzas deu-me um exemplar da revista, *Cuba Teológica*, publicação de sua instituição, aparecida pela primeira vez em 1982. A intenção de seus editores é fazer um número em cada semestre, coisa nem sempre alcançada. Em nome da ASTE assegurei-lhe de nosso interesse em manter intercâmbio editorial com a comunidade teológica cubana representada muito bem por esse seminário. Pablo é o editor da revista e lhe desejamos muito êxito nessa importantíssima tarefa. Falei-lhe da importância da presença do representante do Seminário Ecumênico de Matanzas nas próximas reuniões de CLAET e do FEPE-TEAL e ele me prometeu levar essa preocupação à diretoria e à comunidade que o Seminário abriga.

IX

“Hoje nos dizem que estás morto deveras, que estás, por fim, onde queriam. Equivocam-se mais do que nós, imaginando que não passas de um mármore absoluto, quieto na história, onde todos podem te encontrar.”

Quando tu não foste outra coisa senão o fogo, a luz, o ar, a liberdade americana soprando por toda a parte, mesmo nos lugares mais inimagináveis, Che Gevara”.

Eliseo Diego, *Nombrar las cosas*.

19 de fevereiro de 1984, Havana.

Domingo de manhã. Na casa do bispo tomamos café da manhã preparado por sua esposa, Edívia Mesa, que não se cansou de ser gentil. Até me ensinou como se faz um prato cubano à base de banana. Na catedral, um ar de festa. Preparava-se a liturgia nova, experimental, e a música da missa cubana, escrita pelo casal Pedro Triana Fernandes e Clara Luz Ajo Lázaro, com a colaboração do próprio bispo.

Eu sabia que a revolução cubana era também um fato teológico capaz de “fazer novas todas as coisas”. Num estudo preparado por CELADEC eu lia que “esta certeza histórica de viver na nova terra é fonte de reflexão teológica, porque a revolução cubana é um marco histórico na transformação global estrutural irreversível e deve ser levado a sério pelos cristãos tanto do ponto de vista científico como teológico, relacionando essa reflexão com o pensamento messiânico da Bíblia e seu continuador histórico: o pensamento utópico e socialista através dos séculos”.

Os membros da igreja começavam a chegar de suas casas e de seus trabalhos. A catedral estava preparada para a cerimônia teológica da missa. O povo estava lá. O côro ocupava seus lugares. Os jovens distribuía-m-se pelos muitos lugares. Foi aí que conheci um jovem muito participante chamado Gustavo Rodriguez com quem muito conversei sobre a mocidade na vida do país e da igreja. Gustavo ajuda o deão na organização da liturgia e está sempre pronto a fazer o que pode para que tudo saia bem.

Na hora indicada a missa começou com um canto de entrada, com ritmada música cubana: “Quando o sol abre seus braços, e a lua nos diz adeus, quando os que trabalham sempre, recomeçam o labor, quando na verde campina, cantam sabiás e pardais, “viva Deus”, a terra exclama: aclamemos ao Senhor!”

O deão regia o povo que cantava com fervor e Kyrie e depois o Aleluia: “Aleluia no trabalho, aleluia na cidade, a Palavra nos dá vida e nos leva a caminhar, lutar por um mundo novo, cheio de sol e verdade”. O bispo Emílio Hernandez escreveu a letra do que chamou “rito da paz”, cujo estribilho nos recorda que “num mundo de justiça os homens se abraçarão, e de mãos, unidos, todos, pela vida lutarão”. Além disso, “transformarão espadas em arados, manobras de guerra cessarão, não mais povos invadidos, nem crianças sem um lar, nem mais homens sem trabalho, nem sem pão”. Para o ofertório, este bonito cântico: “Pão e vinho te trazemos, e com

eles bom Senhor, nosso trabalho e os estudos, e o nosso labor diário, nossas dores e alegria, a juventude e o amor". Depois de um *Sanctus* bastante ritmado e de um *Agnus Dei* meditativo, todos cantaram este cântico de ação de graças: "Que haja pão para todos, numa nova humanidade". No final da missa um cântico de encerramento: "Vamos de mãos dadas, vamos a cantar, vamo-nos alegres, vamo-nos a amar". E mais, "Ao terminar esta festa, toda feita de unidade, façamos uma ciranda, com toda a humanidade, para que todos os homens, marchem juntos como irmãos, e que, com muita alegria, possamos já trabalhar." E, por fim: "Aos homens tu nos envias, para ser luz e ser sal, e se quisermos servir-te, servindo ao mundo será. Jesus Cristo do caminho, Jesus do vinho e do pão, da fábrica e do arado dos campos e das cidades."

O bispo deu-me a honra de pregar em sua catedral. Usei, do evangelho designado para o dia litúrgico (Mt 9.18-26) o versículo 24, principalmente a frase, "E riã-se dele". A perícopes fala de milagres de cura. Jesus vai desenvolvendo o seu ministério libertador por onde passa, a caminho da casa do chefe da sinagoga, para devolver a vida à sua filha. O chefe da Sinagoga esperava que Jesus tocasse na menina para ressuscitá-la. Mas quando chegam à sua residência, Jesus apenas dispensa os tocadores de flauta e a multidão e lhes informa que a menina não está morta mas apenas dormindo. É nesse momento que o povo julgando-o um impostor, ri-se dele. Tentei mostrar ao povo reunido na catedral que a lição aplica-se aos nossos dias e sociedades. Quando, em nome de Cristo, apenas falamos anunciando a vida em lugar da morte, mas não lhes oferecemos as obras resultantes dessa fala, o povo não acredita em nossa palavra. Zombam de nós como se fôssemos falsários. Aquela gente zombou da palavra de Jesus porque, de certo, estava cansada de ouvir promessas semelhantes, jamais cumpridas. Mas Jesus foi mais longe e lhes mostrou que não falava em vão. "Tomou a menina pela mão, e ela se levantou". Não será precisamente isso o que nos falta? Ir além da palavra e agir, tomar pela mão? Isto é, transformar a palavra em ação? Ir da teoria à praxis? Procurei demonstrar que boa parte da prática cristã na América Latina tem sido desacreditada porque não decorre da palavra de amor e de justiça do evangelho, mas da palavra da repressão e de moralismo individualista e pietista. Que não é isso o que buscamos. Que muito mais importante do que o rol das negatividades pessoais está o compromisso com a construção da nova sociedade sob os fundamentos evangélicos do amor sem limites, da justiça social completa e da solidariedade humana em todos os momentos. Concluí dizendo que se nossas obras não refletem nosso amor, será melhor nada dizer. Se nossa ação social não se voltar para a libertação dos pobres e dos oprimidos, a igreja faria melhor em se calar do que ficar falando sobre o nada.

Concelebrei com o bispo e ajudei a distribuir a comunhão.

No final, convidei o povo para algumas fotografias e fiz questão de reunir os jovens presentes à missa para uma foto especial juntamente com o bispo.

Seguiu-se um almoço comunitário no salão paroquial com a participação não apenas dos membros da Igreja Episcopal, mas de muitos familiares que aproveitam a ocasião para agradáveis momentos de convívio fraterno. Houve música, recreio e muita comida.

Participei, de tarde, de um grupo que desejava entender o uso de música popular cubana na liturgia e do envolvimento da igreja na sociedade. O deão da catedral cantou para o grupo as partes da missa, acompanhado de alguns jovens, e Ihes explicou o significado libertador que estava presente na liturgia toda.

A família de Tamayo foi de noite ao aeroporto para receber um amigo muito chegado que vinha de Miami, membro muito ativo da junta paroquial da catedral. Saíram cedo e me disseram que haveria uma festa lá pela meia-noite. Achei melhor descansar um pouco e, depois, aceitar o convite dos jovens para assistir um filme mexicano num dos cinemas do bairro. Gustavo me levou a ver alguns novos aspectos da noite "habanera", depois da "película" e me diverti observando a alegria do povo. Já era quase meia-noite e a festa na casa do deão ainda não tinha começado. No dia seguinte eu deveria iniciar a volta para o Brasil e achei melhor me apagar.

Antes de dormir fiquei pensando nas palavras que ouvi proferidas por tanta gente. Rolando é um estudante de engenharia que vive em Matanzas e vem semanalmente a Havana para tratar de assuntos pessoais. Fica na casa do deão. Diz-se ateu. Mas toma parte nos cultos da igreja num misto de procura e de dúvida. Ele me ajudou a entender alguns aspectos da vida cubana. Lázara tem uma filha que frequenta a casa dos Tamayo. É alegre e espontânea. Não escondeu sua paixão pelo Brasil, demonstrada num cultivo quase obsessivo da música popular, do cinema e dos esportes de minha terra. A pastora metodista boliviana, que se vai casar com um postulante às ordens, da Igreja Episcopal, falava-me de seu entusiasmo com o trabalho da igreja. E ele, o futuro marido, queria saber mais da nossa experiência de ministério de tempo livre que nem o meu.

E havia aqueles três homens misteriosos que apareceram de repente numa dessas cidades por onde andei, como que encomendados por algum invisível comitê de direita, para me falar de tudo o que não funciona em Cuba. Queriam que eu lhes dissesse que no Brasil tudo deveria ser melhor. E eu lhes insistia no fato de que não há comparação possível entre Cuba e Brasil. São dois povos diferentes, com problemas diferentes, que devem ser analisados a partir de suas próprias histórias, tradições e lutas. Queriam que eu lhes dissesse que minha experiência em Cuba havia sido ruim. E eu

não lhes podia dizer uma coisa dessas. Minha experiência havia sido, pelo contrário, maravilhosa, cheia de surpresas e de descobertas. Mais do que isso, emocionante.

Como essas pessoas, muitas outras. Suas faces andavam pra lá e pra cá na hora do sono. Suas frases se entrecortavam. A tentação mais freqüente de quem viaja é de pensar que em dez dias consegue ver todas as coisas e tudo entende. Falar como quem sabe das coisas. Ou, então, partir da sua ideologia e tudo deformar. Na verdade, não se pode ser neutro, e nossas falas hão de permanecer sempre ligadas ao que nos interessa. Coisa inevitável, naturalmente. Não obstante tudo isso, a gente vê, ouve, experimenta, sente, fala, pergunta, vive, encontra pessoas com quem simpatiza, e outras naturalmente fogem da gente. Se alguém sofre na carne, geme. Ou grita. Independentemente de qualquer ideologia. Ou se está com fome, protesta. Ou se não tem dinheiro, esmola.

É por isso que as palavras do relatório de CELADEC com o título de "Educação é vida" me chamaram a atenção quando dizem que nossa reflexão teológica deve estar vigilante em face da ameaça do dogmatismo, da formulação fácil, da sacralização, "dos românticos que vêm o socialismo como algo idílico e perfeito". Pelo contrário, nossa visão deve ser "objetiva e dialética". O pecado deve ser entendido, também, "como uma realidade teológica que acompanha o socialismo e se manifesta no egoísmo, na vaidade, no desejo de privilégio e de auto-promoção, nos erros, nas deficiências, no orgulho, na corrupção, na negligência".

Querida muito agradecer ao bispo Emílio Hernández Albalade a hospitalidade que me ofereceu trazendo-me para o interior de sua casa onde passei momentos agradáveis e de camaradagem cristã. Sua família é gentil e amiga e tudo fez para que eu me sentisse em casa. Meus agradecimentos são também extensivos ao deão da Catedral da Santíssima Trindade, de Havana, e sua família, que me proporcionaram muitos contatos com o pessoal da igreja e de fora da igreja e me ajudaram a aprofundar a visão que eu ia tendo da sociedade cubana. Ao arceidiago Juan Ramón de la Paz, que com tanta paciência me acompanhou pela ilha toda, e tantas atenções me dispensou, não sei como agradecer. Ele estava sempre pronto a caminhar, a visitar, a fazer as coisas necessárias e as outras, não tão necessárias, apenas para que eu me sentisse bem em seu país. Com sua inteligência e conhecimentos foi como uma espécie de enciclopédia aberta a me orientar pelos caminhos da compreensão. Muitos outros agradecimentos aos meus hospedeiros de Santiago de Cuba, reverendo Wendell Gaskin e Tomasa, sua esposa, que só revelaram carinho e amor e ao motorista do carro, inesquecível em sua boa vontade. E, por fim, ao reverendo Jorge Perera e sua esposa e família, pela maneira fraterna, cordial, agradável e amiga como me receberam em sua residência como se eu fosse membro já conhecido de há muito. Have-

rá, por certo, agradecimentos a fazer a muitos outros. Aos leigos da catedral com quem convivi mais de perto, especialmente Virgínia e Gustavo. Aos leigos das outras igrejas que me receberam em suas casas. Ao povo cubano em geral. À Igreja Episcopal de Cuba, em particular.

X

“Um revolucionário, então, ainda que não saiba, será um religioso?”

De Peña Pobre, Cintio Vitier

Li no *Granma* que se realizam concertos sintonicos em Havana. E fiquei sabendo que há no país doze orquestras sinfônicas. Que o movimento musical clássico é intenso e que predomina nos círculos eruditos um movimento nacionalista de composição. O Balé Nacional de Cuba é conhecido no mundo inteiro e só em Havana há 23 grupos de teatro.

Confesso que não foi fácil encontrar um taxi às 6h30min da manhã. Não quis acordar o bispo, mas fiz um enorme estardalhaço na casa do deão. Seu telefone estava quebrado e me aconselhou a caminhar até o hotel Rivera, ali perto. No hotel o porteiro me disse que, em geral, nas segundas-feiras, é difícil encontrar quem trabalha de motorista. Pensei com meus botões que a planificação social tinha seus furos. Na verdade, a culpa tinha sido minha. Quem viaja também tem o dever de se planejar. Disse-me o homenzinho que eu deveria ter contratado um motorista no sábado de tarde e que se eu tivesse feito isso não haveria problema, porque quando se trata alguma coisa o compromisso é sagrado. Angustiei-me de veras. Como chegar ao aeroporto nessa hora da manhã? Pensei em voltar à casa do deão para lhe pedir socorro. Mas ele não tinha carro e agora nem mesmo telefone. Seria inútil. O melhor era ficar numa esquina movimentada do centro e tentar a sorte. O avião, afinal, sairia às 9h30min e os cubanos não seriam assim tão rígidos nessa exigência de duas horas de antecedência.

Na esquina o movimento era intenso. Mas não passava taxi algum. Já eram 7 horas. Nada. Onde andariam as pessoas que também, como eu, precisavam estar no aeroporto? Ah! sim! haviam planejado a viagem no sábado... Parecia um taxi. Não, não era. 7h30min. Eu pensava comigo mesmo, “até as oito tem tempo”... Às 7h45min parou um taxi ali por perto e desembarcou um passageiro. Corri. O motorista me olhou meio desconfiado, por causa da minha mala. Informou-me que o seu taxi pertencia a um hospital e que só podia fazer corridas a serviço do hospital. Mas isso já era planificação demais, pensei. Por que não deixavam que os taxis

andassem por aí rodando à cata de passageiros para onde quer que desejassem ir? Expliquei-lhe que ia perder o avião e que o vôo era internacional. O homem se encheu de pena e me fez uma proposta. Vamos até o hospital e a gente explica o seu caso é bem provável que a direção do hospital me libere para lhe prestar esse serviço. Nem pestanejei. No hospital venceu a razão. O homem me pareceu contente a me deixar contente. Explicou-me o sistema local que me pareceu, afinal, razoável. Seu argumento era o da necessidade. Os doentes em estado grave, as grávidas em estado adiantado, e os feridos, precisam de socorro imediato. Os taxis dos hospitais são auxiliares das ambulâncias e só devem prestar esse tipo de serviço. Mas Cuba, não obstante, o regime socialista, era um país latino e nos países latinos a gente sempre dá um jeito. O percurso foi percorrido em 40 minutos porque tivemos que enfrentar um acidente de trânsito e dois engarrafamentos no caminho do aeroporto. Quando chegávamos perto de nosso destino paramos numa esquina e o motorista estava distraído olhando algo extraordinário. Era a sua homenagem à mulher cubana. Me dizia, "Olha que mulher bonita!"

No aeroporto a burocracia meio desajeitada foi rápida e na hora de embarcar não tive problemas. O avião da Cubana era um Ilyushin-62, de fabricação soviética, que levou duas horas e meia até a cidade do México.